

# INFORMAFRICATIVO 62

EMEFEJA Oziel Alves Pereira – AFRICANIDADE É CELEBRAÇÃO!

EDIÇÃO 62 – Abril 2025 – Circulação virtual - impressão: 2500 panfletos e 1000 cópias A3

GESTÃO: Mariana D. Barreiras, Fernanda M. Bestetti, Daniecy L. Silva, Ana R. Mobilon, Cintia C. Santos

ENDEREÇO: Rua Fauze Selher, 446 – Parque Oziel – Campinas – SP - CEP: 13049066

RESPONSÁVEL: Wilson Queiroz – [wilsonq10639@gmail.com](mailto:wilsonq10639@gmail.com). PROJETO AFRICANIDADES - F: 32696232

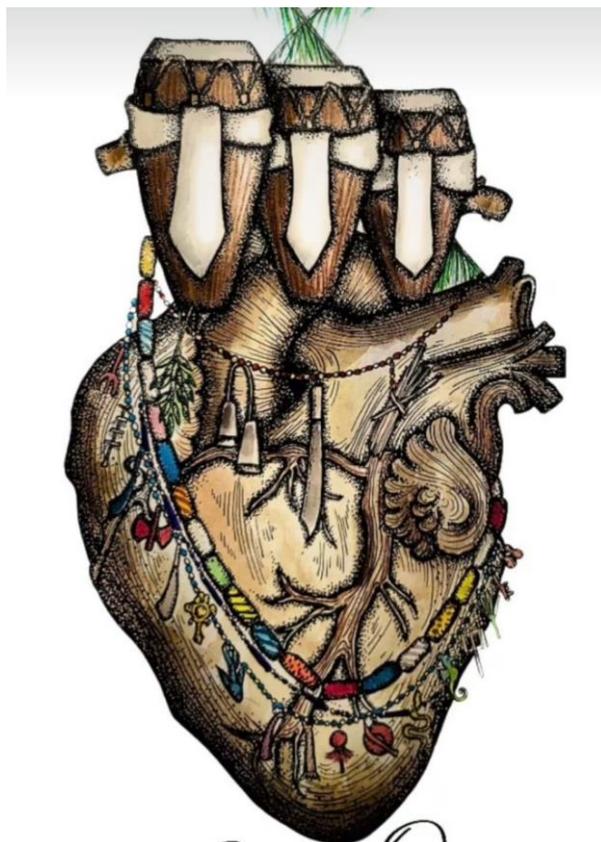
APOIO: CONEPPA – coletivo negro com práticas pedagógicas em africanidades

CEFORTEPE – Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional

GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

CAMPANHA: Biblioteca e Racismo: Quando o acervo é a prova do crime!

Acesse: <https://www.fe.unicamp.br/a-fe/biblioteca/recursos-line/boletim-informafricativo>



*Coração de Ojá*

Por

Jefferson Mendonça



# SEMBA

Espécie de antiga dança de origem bantu.  
(Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana)

## LEVE AXÉ

Autor: Fran



Se o teu melhor nunca  
dependeu do pior de  
ninguém, já conquistaste  
o maior pódio da vida:  
o caráter.

Mais uma vez  
Veio até mim  
Alegria num sopro de paz  
Um sopro de paz

De braços abertos no ar  
A força do vento me traz  
Circula em nós

Leve axé  
Seja axé  
Invadiu  
Bateu maré  
Bateu maré

Independente da fé  
Leve com a gente axé  
Independente de onde  
você vai

E assim eu vou  
E assim eu vou, cantar  
Jogar axé pro mundo

Deixa, deixa levar  
Deixa que a onda vai  
Deixa, levar

(Imagem retirada da internet)

### ERA UMA VEZ...

Autoria: Letícia Pereira Santos – 6A – 22.03.2024

Era uma vez uma garota negra chamada Ayana. Ela era muito estudiosa e também muito feliz. Ela morava na cidade de Adis Abeba, capital da Etiópia, um país do continente africano, mas ela tinha o desejo de morar em Campinas, uma cidade do Brasil.

Quando ela chegou ao Brasil, ela falou pra si, que a vida dela iria mudar para melhor. Onde ela passava, em todos os lugares, as pessoas olhavam para ela e comentavam sobre sua beleza e destacavam como ela era linda.

As pessoas diziam que ela era a mulher mais bonita que já tinham visto. Ela ouvia e ficava ainda mais feliz, pois percebia que todo mundo gostava muito dela.

Depois de alguns anos, ela veio morar em Campinas e logo arrumou uma casa para morar e conseguiu um trabalho para tentar conseguir realizar o seu sonho de ser modelo.

Quando ela chegou na agência de modelos, logo ficou muito encantada com outras mulheres lindas que encontrou na agência.

A dona da agência quando viu Ayana, ficou muito encantada com tanta beleza. Ela foi falar com Ayana e perguntou qual era o nome dela e se ela estava procurando um emprego. Como modelo. Ayana respondeu que sim e de imediato foi contratada para trabalhar na agência.

Ayana ficou muito feliz por conseguir esta oportunidade como modelo. Com o passar do tempo ela seguiu a vida de modelo, fez carreira internacional e encontrou um lindo companheiro, com quem se casou, teve duas filhas Zuri e Alike e viveram felizes.

## “POR QUE DANÇAR?”

Autoras: *Stephanie Borges Viana (Graduanda em Dança na Unicamp) e Mariana Jorge (Artista e pedagoga em dança, doutora em Artes da Cena – Unicamp). Abril de 2025*

Este texto é um convite: um convite para dançar e mover com o corpo que se é hoje, na confluência do presente, do passado e do futuro e, assim, tentar responder a pergunta que não quer calar: “por que dançar?”. A dança é fundamento dos modos africanizados de viver e conceber o mundo, no movimento da dança cada pessoa pode se lembrar quem é e não se esquecer quem é. Seguindo a rota de Sankofa: retornar ao passado, viver o presente e construir o futuro. Por isso, é dançando que podemos elaborar as melhores respostas para as perguntas de hoje.

O longa-metragem brasileiro *Um filme de Dança* (2013), dirigido por Carmen Luz, nos apresenta as/os importantes artistas da Dança negra no Brasil. No contexto de gravação desta obra, a mestra Carmen Luz, durante a gravação da obra, fez esse questionamento a outro mestre da Dança, Clyde Morgan, e a resposta dele foi: “para lembrar ou para não esquecer”.

Essa resposta carrega a complexidade da experiência afro-brasileira, a qual está presente nas suas Danças negras: o dilema de lembrar do que nos constitui e do que nos trouxe até aqui, e, nesse insistente movimento, não esquecer. Não esquecer quem eram os povos africanos que atravessaram o atlântico no movimento de diáspora (Jejes, Nagôs, Ewes, Malês e tantos outros); não esquecer da luta e da resistência; não esquecer da fundamental contribuição da cultura negra para a cultura brasileira, cultura essa, com uma diversidade infinita de danças em seus entrecruzamentos entre etnias africanas com a cultura indígena e europeia.

Nos modos africanizados a prática da dança está diretamente associada aos princípios aos princípios civilizatórios afro-brasileiros, conforme propôs a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Azoilda Loretto Trindade, sendo eles (imagem 1): a Energia Vital (axé); Corporeidade; Ancestralidade; Circularidade, Oralidade, Ludicidade, Memória, Cooperativismo/Comunitarismo, Musicalidade, e Religiosidade. Esses princípios não operam isoladamente, eles funcionam em consonância e são interconectados. A ancestralidade, por exemplo, é ponto de partida e de continuidade. Ela constitui a nossa corporeidade e nos impulsiona a seguir.

A corporeidade é o modo como uma pessoa move seu corpo, a maneira única de se colocar e agir no mundo, com o corpo que se tem, sendo quem se é. Assim, numa perspectiva africanizada, a corporeidade é um fundamento pelo qual afirmamos a vida. corpo em movimento no tempo e no espaço é a dança. Aqui, entendemos o corpo de maneira integral, inseparável da mente, dos afetos, da espiritualidade e da cultura. Corpo que se move é corpo que se posiciona. É jongo, capoeira, samba e infinitos mais. Mover-se é tomar contato com a potência dos encontros do corpo com os espaços e com as outras pessoas. Dançar é acessar saberes e tecnologias ancestrais. Como nos lembra Leda Maria Martins (2003), o corpo é lugar da memória, é território de assentamento de experiências sensíveis. Por isso, quando em coletivo dançamos, cantamos e batucamos (LIGIÉRO, 2013), atualizamos essa memória ancestral em movimento.

A partir disso, lanço outra pergunta: “Por que dançar na escola?” Dançar na escola é um ato político, pois a dança que busca lembrar e não esquecer desafia a lógica colonial que despreza o saber da sensibilidade. Portanto, incorporar a dança no ambiente escolar não é apenas atender às Leis 10.639/03 e 11.645/08, mas reconhecer um direito, agir com urgência e praticar justiça pedagógica, reafirmando o valor das expressões corporais como parte fundamental do processo educativo.

No dia 29 de abril é comemorado o Dia Mundial da Dança, criado em 1982 pelo Comitê Internacional da Dança (CID), vinculado à UNESCO. Embora essa data reconheça a importância da dança em um contexto mundial, também evidencia uma dança de uma história única e eurocentrada. O movimento aqui proposto é justamente tensionar essa lógica. Por isso, convido a todas as pessoas para abrirem seus corpos para se moverem em coletivo e experienciar uma tecnologia ancestral, de manutenção de vida, de integração, de energia vital que os ancestrais negros legaram. Celebrar o corpo em movimento para seguir adiante para viver o presente e construir o futuro.

**Bibliografia:** LUZ, Carmen. Técnicas de Vida e Morte: Breves Notas para Dançar. Revista O Menelick 2º Ato, abril/2020; [https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881](http://www.omenelick2ato.com/artes-da-cena/danca-e-performance/tenicas-de-vida-e-morte-breves-notas-para-dancar/LIGIÉRO, Z. Corpo a corpo: estudo das performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. MARTINS, L. PERFORMANCES DA ORALITURA: CORPO, LUGAR DA MEMÓRIA. Letras, [S. l.], n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em: <a href=). TRINDADE, Azoilda Loretto da. A cor da cultura – saberes e fazeres – modos de brincar . 1.ed. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

## FÉ PRA QUEM... Maria Eduarda da Silva – 9B – 18.04.2025



O respeito religioso nem sempre é discutido, mas apesar de não ser discutido sempre deve ser praticado, pois todos devem ter pelo menos um pouco de noção sobre a forma que gostaria que alguém tratasse a sua religião.

Não sou de nenhuma religião de matriz africana, porém, um dos meus princípios é o respeito, e da mesma forma que prezo que alguém trate minha religião com respeito eu trato a religião de outras pessoas com respeito.

Apesar de ter a religião que tenho hoje, procuro sempre apreciar e conhecer a cultura de várias outras religiões. Porque mesmo que eu não tenha interesse em trocar de religião, acho importante saber um pouco de cada.

Eu com a pouca experiência de vida que tenho, possuo mais noção do que muitas pessoas que têm preconceito ou não se abrem para saber sobre outras religiões a não ser a sua. Para diminuir esse preconceito é simples, trate a religião da pessoa com RESPEITO. E

uma pergunta para finalizar:

- Até quando as pessoas vão perpetuar ou reproduzir o racismo religioso?

## DANCE VOCÊ TAMBÉM



### “Quem apaga o fogo é a água”

apresenta uma narrativa que evoca o axé do dengo e da treta na relação de um casal permeado por paixão, conflito e cuidado. Nessa performance os parceiros assumem personagens que trazem como referências os arquétipos de Yabás e Abarós, numa corporeidade da dança afro-contemporânea, com dança de terreiro, capoeira, samba e maculelê.

**AYA** – Este nome carrega um significado muito especial, pois AYA é um símbolo Adinkra, respresentado pela samambaia, uma

planta muito presente na infância do casal. Como a samambaia é uma planta que consegue crescer em lugares difíceis, o AYA é o símbolo da independência, resistência, perseverança e da ginga em lidar com situações adversas.

A **AYA CIA DE DANÇA** tem se apresentado em diversos eventos pela cidade de Campinas e região. Em suas coreografias, confluem a **dança em cadeira de rodas**, as danças urbanas, as danças afro, a capoeira, samba de roda e o maculelê. Também praticam a dança esportiva, o jazz e a dança contemporânea.

**ELENCO e AUTORIA:** Ana Beatriz e Márcio Folha